

SOCIOLOGIA & SOCIALISMO NA OBRA DE FLORESTAN FERNANDES¹

Caio N. de Toledo*

*Pesquisador junto ao CNPq

O compromisso intelectual

Na obra de Florestan Fernandes a questão do socialismo não se constituía um assunto entre outros. Não era também um objeto de discussão abordado de forma teórica ou abstrata como importaria a pesquisa de outras problemáticas de natureza sociológica ou histórica; particularmente nas duas últimas décadas de sua produção intelectual, o socialismo era uma questão vital e prioritária. Mais do que isso, para ele, o socialismo era uma questão *existencial* na qual ele se engajou de corpo e alma.

Não obstante este forte compromisso ideológico com o socialismo, Florestan Fernandes – ao avaliar o conjunto de sua obra e trajetória pessoal – reconhecia que foi ele, sempre e acima de tudo, um *intelectual*. Ou seja, como *intelectual crítico* nunca abdicou dos recursos próprios do trabalho científico: da teoria, da pesquisa e da fundamentação empíricas, dos recursos metodológicos e analíticos da lógica dialética.

Em sua produção intelectual, o combate pelo socialismo não se fazia apenas do ponto de vista ético-humanista na medida em que sua defesa estava fundada em uma rigorosa análise da sociedade de classes, das irreconciliáveis contradições da ordem capitalista e do Estado burguês no Brasil. Nos escritos do sociólogo, do publicista e do tribuno militante, a luta incondicional pelo socialismo esteve sempre, pois, apoiada na pesquisa empírica e na sólida argumentação teórica, jamais se confundindo com a *propaganda* ou com a *retórica* que, por vezes, estão presentes em panfletarismos de orientação *esquerdista* (na acepção crítica formulada

¹ Este texto é dedicado a Heloisa Fernandes cuja figura humana, convicções políticas e compromisso intelectual seguem de perto os caminhos trilhados por seu saudoso e afetuoso pai, Florestan Fernandes. Uma versão reduzida do texto foi originalmente publicada em Paulo Martinez (org.), Florestan ou o sentido das coisas, São Paulo, Boitempo editorial, 1996. A observar também que a feliz escolha do título desta revista, Crítica e Sociedade, não deixa de ter fortes afinidades com o conjunto da obra intelectual do cientista social marxista.

em clássico texto de Lênin).

Por outro lado, Florestan nunca deixou de ironizar os chamados *socialistas de cátedra* ou os *marxistas de gabinete* que “não sabiam o que fazer” com seus conhecimentos sobre Marx e Engels. Seu juízo sobre estes colegas, no exterior e no Brasil, nunca foi complacente nem ameno: muitos intelectuais eram basicamente *universitários* e sua erudição se limitaria à carreira acadêmica, não à atividade revolucionária. Nesse sentido, assinalava que esses intelectuais frequentemente contribuía para *aburguesar* o marxismo.

Ao contrário da maioria dos autores do chamado *marxismo ocidental*, Florestan Fernandes buscou sua inspiração no *marxismo clássico*: Marx, Engels, Lênin, Rosa Luxemburgo, Trostky – pensadores cujas obras refletiram as lutas sociais de seus tempos e buscaram oferecer, junto aos movimentos sociais, respostas radicais para a superação da ordem burguesa. Nas suas palavras, o socialismo científico ou o comunismo, formulados por tais autores, não brotaram apenas da crítica da filosofia, da economia e da história *burguesas*; a teoria socialista nasceu do confronto da crítica com o concreto, foi ela possível em virtude da existência das lutas efetivas do proletariado contra o capital, a sociedade de classes e o Estado burguês.

Levando em conta estes pressupostos e afirmações, a questão que se impõe ao analista é a seguinte: em que medida o cientista social – na esteira do marxismo clássico – conseguiu articular, de forma consistente e harmônica, o *pensamento* e a *ação*, a *teoria* e a *política*? Teria Florestan conseguido escapar às críticas tradicionais dirigidas ao intelectual acadêmico que privilegia a Ciência em detrimento do engajamento social e político ou, em outras palavras, que privilegia o trabalho teórico em detrimento da luta pela transformação radical da sociedade de classes? De forma mais precisa, como ele compatibilizaria a pesquisa sociológica rigorosa com a defesa da revolução socialista?

Sociologia & socialismo

Num texto de 1975, escrito originalmente para o semanário crítico ao regime militar *Opinião*, depois republicado em livro, Florestan contestou a chamada “neutralidade científica” no campo das ciências humanas:

É impossível [...] separar a investigação sociológica do movimento socialista, isolando a sociologia do socialismo. A realidade impõe que ambos avancem interligados, influenciando-se de maneira permanente, profunda e fecunda. Na verdade, pode-se ser sociólogo sem ser, ao mesmo tempo, socialista; e, reciprocamente, o movimento socialista pode passar fora e acima da investigação sociológica institucionalizada (FERNANDES, 1976: 255).¹

Mas, logo advertia, “só do socialismo o sociólogo pode retirar uma autêntica vocação sociológica crítica, suscetível de romper com o monopolitismo cultural do pensamento conservador e com uma visão do mundo intrinsecamente contra-revolucionária [...]” (FERNANDES, 1976: 256).

Teria Florestan conseguido articular de forma produtiva, equilibrada e consistente sua produção sociológica e sua atuação como socialista? Com a mesma dureza que criticava a esterilidade do pensamento acadêmico, reconheceu que teve ele uma experiência militante limitada quando comparada à sua prática acadêmica. Com franqueza e rara honestidade intelectual, mas também com inequívoca amargura, dizia-se insatisfeito pelo fato de não conseguir articular o trabalho científico com o de militante socialista. Afirmou então:

Eu gostaria de ser um cientista social ao mesmo tempo vinculado com a universidade e o socialismo. Todas as tentativas que fiz para combinar as duas coisas falharam. E falharam porque não existe movimento socialista bastante forte na sociedade brasileira que sirva de substrato e de apoio para os intelectuais socialistas. (FERNANDES, 1978: 77)

Reconhecia, assim, que a fragilidade do movimento socialista no Brasil dos anos 1940 e 1950 não foi suficiente para dar uma outra direção à sua pesquisa acadêmica e teórica. Diferente seria a sua trajetória intelectual caso a luta político-ideológica em seu tempo tivesse outras dimensões e configurações: “[...] se eu tivesse seguido um caminho no qual pudesse definir a minha perspectiva como cientista social a partir de um movimento socialista forte, nunca teria trabalhado com os temas com os quais eu trabalhei” (FERNANDES, 1978: 78). Admite, assim, que os temas de suas primeiras pesquisas e trabalhos acadêmicos foram escolhidos de uma “maneira muito acidental, para não dizer oportunista”, pois, reiterando sua autocrítica, “onde o movimento socialista é fraco ou ambíguo, o sociólogo fica livre [...] para dar pleno curso a novas modalidades de ritualização da investigação

¹ A seguinte formulação é decisiva para questionar a chamada *neutralidade axiológica*: “No fundo, temos de arcar com a responsabilidade de saber em relação a que somos *funcionais* (ou instrumentais): ao pensamento conservador [...] ou ao pensamento socialista” (FERNANDES, 1976: 256).

sociológica e de neutralização política do pensamento científico” (FERNANDES, 1976: 255).

A partir dos anos 1970, o intelectual vai produzir, de forma mais intensa, trabalhos de análise política e crítica sociológica; entre estes podem ser lembrados: *Circuito fechado*, *Da guerrilha ao socialismo*, *Apontamentos sobre a teoria do autoritarismo*, *A ditadura em questão*, *Brasil: em compasso de espera – além do clássico*, *A revolução burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica*, e outros livros sobre o capitalismo dependente. Desde então, o tema do socialismo estará definitivamente consolidado em seus escritos, particularmente na sua fase assumidamente *publicista* (nos artigos de jornais e revistas, entrevistas, palestras, debates, engajamento partidário etc.). A este respeito deve-se indagar: na cultura política brasileira, desde a segunda metade do século XX até o presente, existiria algum outro intelectual marxista que rivalizasse com ele em matéria de militância *qualificada e crítica*? De forma precisa e aguda, um outro refinado e atuante intelectual de sua geração, Antonio Candido, sintetizou o significado da militância de Florestan:

[...] Florestan é e sempre foi, além de um imenso intelectual, um homem de luta, um combatente nato, cujos atos se tornam logo intervenções decisivas na realidade, provocando a paixão das adesões e o vitupério das oposições. Um militante sem repouso [...] (CANDIDO, 1996: 11).

Ou ainda, interpretando a atuação específica de Florestan como publicista:

[...] se tornou um dos jornalistas políticos mais eficientes e penetrantes que temos tido, formando um instrumento ajustado ao combate pela imprensa e se tornando, junto a públicos vastos, intérprete do que se poderia chamar de pensamento socialismo cotidiano” (CANDIDO, 1996: 36).²

Uma questão que importaria aqui examinar é: *por qual* socialismo lutava, com paixão e vigor inquebrantável, o intelectual militante Florestan Fernandes?

Qual socialismo?

Diante do desmoronamento do socialismo real no Leste europeu e na antiga URSS e da avalanche ideológica representada pelo avanço neoliberal, parte da intelectualidade progressista – que se autodenomina como esquerda “moderna”

² A ressaltar que, como colega da mesma geração e um dos mais íntimos amigos de Florestan Fernandes, Antonio Candido mantém com firmeza e lucidez suas convicções socialistas. Prova disso é a entrevista que, aos 93 anos de idade, concedeu ao jornal *Brasil de Fato*, edição 435, 6 de julho de 2011.

ou “democrática” – levantou a bandeira do “socialismo democrático”. A crítica de Florestan a estas posições não deixou de ser dura e implacável:

Falar em socialismo ‘moderno’ ou em socialismo ‘democrático’ não passa de uma farsa. Só se moderniza o socialismo colocando-o em prática e forjando as fronteiras da revolução anticapitalista. Por sua vez, o socialismo é, por sua essência, a *democracia da maioria* e deve assegurar, quando esta se dissolve, por desnecessária, a *democracia plena*”. (FERNANDES, 1990: 2-3).

Assim, sem negar o caráter necessariamente *democrático* do socialismo, Florestan questionava a influência que as ideias social-democráticas passavam a exercer sobre setores da esquerda no Brasil e no mundo, particularmente sobre as lideranças de seu partido, o PT. Contestava, assim, a ambigüidade do chamado “socialismo petista” conseqüência, a seu ver, do desconhecimento e preconceito de muitos de seus dirigentes face aos clássicos do socialismo revolucionário. Afirmava a este respeito:

Os acontecimentos recentes abalaram as convicções de militantes exemplares [...] Muitos estão confusos e tiram conclusões precipitadas que mais respondem a um enquadramento ao radicalismo burguês [...] Foram buscar nos paradigmas da Europa ocidental as retificações que lhes parecem imperativas. E tomaram do radicalismo abstrato de professores universitários ou de intelectuais brilhantes do pensamento socialista europeu moderno o sistema de referência teórico para a nossa prática socialista” (FERNANDES, 1990: 3).

Ora, argumenta Florestan, o

[...]socialismo continua vivo e o marxismo contem o mesmo significado científico, ideológico e político que sempre teve, seja como meio de descoberta e de difusão da compreensão global dos processos gerais de transformação da civilização existente, seja como organização partidária dos portadores da ótica comunista da auto-emancipação coletiva dos trabalhadores e de sua revolução social” (FERNANDES, 1990: 2).

Sem ambigüidades e de forma leal, Florestan expôs suas divergências e interrogações aos dirigentes e militantes do PT. Na sua perspectiva, um partido socialista não poderia endossar a confusão entre a social-democracia moderna – submetida à iniciativa privada, aos interesses capitalistas e ao Estado de direito burguês – e o socialismo, que, para ele, serviu de vertente às correntes radicais dos operários e assalariados do fim do século XIX aos nossos dias.

Num direto questionamento aos dirigentes e intelectuais que, na prática, reabilitam de forma clandestina as concepções de Bernstein (aqueles que proclamavam a democracia como um “fim em si mesmo”), dizia ele: “Oferecem-nos uma democracia. Mas não precisamos rezar diante dela as preces farisaicas dos

que entenderam que (a democracia, CNT) seria a única saída entre o “socialismo real e totalitário” e a *liberdade*” (FERNANDES, 1991: 10). A democracia, pois, não é o apanágio da social-democracia nem os socialistas devem se prostrar diante da democracia liberal-burguesa.

Desafiando abertamente um senso comum de orientação social-democrática que, nos anos 1990, se consolidou na direção do PT – expresso, por exemplo, na crítica ao chamado “caráter instrumental” da democracia –, Florestan não hesitou em afirmar que “na essência da concepção socialista há uma relativização do conceito de democracia. A democracia é sem dúvida um valor; mas ela não escapa às determinações da sociedade civil. Por isso não pode ser representada como um fim **em si** e, muito menos, como um **valor absoluto**” (FERNANDES, 1990: 4; negritos do autor)³. Para ele, o culto e a fetichização da democracia convêm, a rigor, à reprodução da ordem dominante mesmo que contribua positivamente para que os partidos de esquerda alcancem posições na competição institucional.

Os partidos de esquerda devem se bater pela ampliação da democracia política existente. No entanto, não deixa de reconhecer que a luta pela democratização deve visar objetivos precisos e bem definidos. A democracia é, pois, um *fim* e, simultaneamente, um *meio*: “A esquerda se bate pela democracia: para desencadear reformas capitalistas que a burguesia receia e repele; e essencialmente, para construir uma democracia de maioria, com liberdade e igualdade social e um Estado sob controle popular, ponto de partida de uma sociedade sem classes” (FERNANDES, 1990: 4).

Até o fim de sua vida, Florestan sempre enfatizou que as esquerdas – ao invés de privilegiarem a luta eleitoral – deveriam dar atenção especial aos movimentos sociais populares (dos sem terra, negros, índios, mulheres etc.) posto que muitos deles têm evidentes conteúdos reformistas. Dai a questão crucial que dirigia a seu partido: “O PT manterá a natureza de uma necessidade histórica dos trabalhadores e dos movimentos sociais radicais se preferir a ‘ocupação do poder’ à ótica revolucionária marxista?” (FERNANDES, 1991: 10). Sua conclusão não era

³ Embora jamais se pautasse pelo sectarismo e combate fratricida – tão comum no seio das esquerdas em todo o mundo –, Florestan não deixou de rechaçar, de forma vigorosa, as teses reformistas do *eurocomunismo* (orientadas pelo *antileninismo*) que influenciaram o debate das esquerdas no Brasil dos anos 1970. Num artigo sobre a obra de J. C. Mariategui, assinalou que, de forma acertada, o marxista peruano “nunca simplificou as coisas para ninguém. A democracia não era um ‘valor universal’, um valor em si e por si” (FERNANDES, 1995: 76).

outra: se optar pelo caminho da social-democracia, o PT frustrará os sonhos de todos aqueles que confiam num futuro melhor e querem descortinar nele outro estilo de vida, outros interesses, novos valores, enfim, uma nova civilização. Dispensável dizer que Florestan não viveu o tempo suficiente para assistir a domesticação do PT à institucionalidade liberal-burguesa (ao chamado “cretinismo parlamentar”, na acepção dos clássicos do marxismo) e à renúncia de seus executivos à luta pela construção de uma alternativa social e econômica sob a direção dos trabalhadores.

Considerações finais: socialismo & utopia

Embora respeitado pela sua obra acadêmica, alguns de seus intérpretes afirmam que o socialismo de Florestan era uma *utopia* ou um generoso sonho de um idealista. Contestando este questionamento, Florestan não deixava de fazer uma analogia com famosa passagem de *Que fazer?*:

Quanto ao ‘sonho’, o que se deve dizer é que sem sonhos políticos realistas não existem nem pensamento revolucionário nem ação revolucionária. Os que não sonham estão engajados na defesa passiva da ordem capitalista ou na contra-revolução prolongada [...] A dimensão utópica do socialismo revolucionário e do comunismo suplanta a todos os sonhos e fantasias que se possa ter dormindo ou acordado” (FERNANDES, 1985: 110).

No ensaio sobre Lula da Silva, em *A contestação necessária*, Florestan voltava a falar de sonhos diferentes:

Enquanto os neoliberais sonham com o enterro do socialismo, a própria sociedade capitalista favorece o seu renascimento nos moldes das exigências históricas e conforme os princípios filosóficos que o erigiram na invenção mais sublime da mente criadora dos seres humanos”. (FERNANDES, 1995: 50).⁴

No entanto, para poder sonhar e construir sua utopia, o intelectual militante precisaria adquirir uma segunda *natureza humana*. Nas palavras de Florestan Fernandes: “Não basta um ABC do socialismo para arrancar da natureza humana do militante e do simpatizante o aburguesamento em que ele está engolfado e no qual apodrece. É necessário engendrar nele uma segunda natureza humana, *socialista*, aferida para que ele se libere do passado e do presente e aspire a erigir para si e para os outros, uma sociedade socialista aberta para o advento do

⁴ Neste ensaio, Florestan exalta o talento e o valor da liderança sindical e política de Lula da Silva. Não deixava, contudo, de assinalar que o ex-metalúrgico – como a maior parte das lideranças nacionais do PT – comprometia-se com os ideais da social-democracia, não com a “revolução contra a ordem”. Como se sabe, a partir da presidência da República, Lula da Silva radicalizará suas declarações críticas contra as esquerdas e o socialismo (TOLEDO, 2008).

comunismo” (FERNANDES, 1991: 73).

Para o sociólogo marxista, o socialismo, hoje, ainda se configura como uma *utopia*, mas não se constitui uma ilusão ou ideal historicamente ultrapassado. Ainda vitorioso, o capitalismo – por mais democratizado que venha ser – será sempre incapaz de resolver em profundidade e de forma completa as necessidades materiais, culturais, existenciais do conjunto da humanidade. Suas irreconciliáveis contradições estruturais bem como sua dinâmica e lógica destrutivas face às necessidades humanas e à natureza (“*o corpo exterior do homem*”, na formulação de Marx) possibilitarão a emergência de um projeto socialista renovado – a ser reivindicado, além das classes trabalhadoras, por um crescente e extenso número de novos atores políticos e categorias sociais.

Certamente, a contestação radical do mundo regido pela lógica do capital e do mercado não será politicamente eficaz se tiver apenas um conteúdo moral ou apoiar-se exclusivamente em desejos edificantes. Deve se fundar, como fizeram os clássicos, em análises e argumentos racionais. Os intelectuais marxistas precisarão, pois, afinar seus instrumentos analíticos e construções teóricas a fim de dar conta de um conjunto de novas e singulares realidades postas pela civilização capitalista contemporânea. Na prática, devem demonstrar que, não sendo uma *religião* ou uma doutrina dogmática, o marxismo é um paradigma teórico-metodológico insuperável para explicar a dinâmica social capitalista bem como é capaz elaborar novas e eficazes estratégias politicamente transformadoras.

Para Florestan Fernandes, uma das formas possíveis da luta política pelo socialismo está na “*batalha pela consciência*” ou, em termos gramscianos, na “*batalha pela hegemonia*”. Se os intelectuais e partidos de esquerda não estiverem convencidos de sua possibilidade histórica, o socialismo jamais se realizará posto que não existem leis férreas da história que o imponham socialmente. Como o consagrado escritor comunista José Saramago anotou: “para que exista o socialismo é preciso que haja socialistas”. Mas, para que se evite todo o tipo de idealização, Florestan adverte: “O socialismo não transforma o mundo: são os proletários identificados com o socialismo revolucionário que o fazem!” (FERNANDES, 1985: 65).

Em sua pedagogia socialista – que não deve se confundir com a “propaganda do socialismo” –, os partidos e os militantes de esquerda devem se empenhar no sentido de convencer e persuadir o conjunto dos movimentos sociais progressistas que apenas numa ordem pós-capitalista as reivindicadas demandas democráticas

e igualitárias podem ser resolvidas em profundidade. No entanto, a conquista de uma hegemonia socialista no interior das lutas sociais apenas se realizará se tiver atores ideológica e teoricamente qualificados e entidades politicamente competentes para a sua realização histórica e social.

Arquiinimigo do marxismo e intelectual perspicaz, F. Hayek, nos tempos do chamado “socialismo real”, afirmou: “a principal lição que um verdadeiro liberal deve reter do sucesso dos socialistas foi a sua coragem de serem *utópicos*. Só assim que poderemos fazer dos fundamentos filosóficos de uma sociedade livre algo vivo” (HAYEK apud GANEN, 2009). Ou seja, para o ideólogo maior do neoliberalismo, a empenhada atuação dos intelectuais socialistas teria sido decisiva para que a opinião pública se convencesse da realidade daquilo que antes parecia ser *utópico*.

A respeito da relação *utopia e realidade*, uma formulação do sociólogo marxista, Atilio Borón, é pertinente:

Assim, como não há homens sem desejos nem sociedades sem ideais, a realidade não existe sem utopia [...] Utopia e realidade se enriquecem reciprocamente; constituem âmbitos próprios e distintos do existente, mas suas fronteiras estão em permanente movimento. (BORÓN, 1994: 216).

É sabido que a grave enfermidade que levou Florestan Fernandes à morte não fez calar a apaixonada defesa das ideias e convicções que constituíram a sua própria razão de existência. Poucos dias antes de seu falecimento, o noticiário de um jornal registrou, provavelmente, suas derradeiras palavras: “O que me mantém vivo é a chama do socialismo que está dentro de mim.”

Para os que, nos meios acadêmicos e intelectuais, hoje optaram pelo *cinismo da razão* e pelo *pessimismo da vontade* – na exata inversão do que postulou Gramsci –, tais palavras não deixariam de soar patética ou quixotesca. No entanto, longe da simples retórica e da profissão de fé, Florestan Fernandes expressava com inteira autenticidade a *segunda natureza* – tal como ocorreu com o comunista sardo – que nele se plasmou harmoniosamente, resultado de sua aguda sensibilidade humana e radical intolerância diante de todas as formas de opressão e exploração sociais.

Ainda nas palavras de Candido, sintetizando as razões que fizeram de

Florestan Fernandes um “grande homem”: “porque viveu com indômita bravura, porque foi íntegro no caráter, na inteligência, na atuação, mas, sobretudo, porque soube pôr os seus raríssimos dons a serviço dos grandes interesses coletivos, saindo de si para dar-se ao seu tempo” (CANDIDO, 1996: 62).

Bibliografia

BORÓN, Atílio. *Estado, capitalismo e democracia na América Latina*. São Paulo: Paz e Terra, 1994.

CÂNDIDO, Antonio. Prefácio. In. _____, *Lembrando Florestan Fernandes*, São Paulo: Edição do autor, 1996.

FERNANDES, Florestan. *A sociologia no Brasil*, Petrópolis, Vozes, 1976.

— . A condição de sociólogo. São Paulo: Hucitec, 1978.

— . *O que é revolução*. 5. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

— . *Em defesa do socialismo*, folheto da campanha para deputado federal, jun. 1990. fls. 2 e 3.

— . *O PT em movimento*. São Paulo: Cortez Editora, 1991.

— . *A contestação necessária*. São Paulo, Ed. Ática, 1995.

GANEM, Ângela. Crítica à leitura hayekiana da História: a perspectiva de H. Arendt. *Nova Economia*, Belo Horizonte, maio/setembro 2009.

TOLEDO, Caio Navarro de. Partido dos Trabalhadores e governo Lula: a regressão da luta ideológica. *Revista Crítica Marxista*, vol. 26, Rio de Janeiro: Ed. Revan, 2008.